

## UM NOVO OLHAR PARA A AMAZÔNIA: ESTAÇÕES, DE CELDO BRAGA

Emelissa da Silva Mafra

Thayna da Silva Lira

Sebastiana Fernandes Barros

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo analisar a representação da natureza e do homem na obra *Estações*, de Celso Braga, que pensa e enxerga o verde com a visão de quem nasceu e vive rodeado pela floresta; como específicos pretendemos discutir e interpretar como em tal produção o eu lírico ao fazer uso de excepcional eficácia expressiva desconstrói a tese de que na Amazônia Ocidental que fica na linha do Equador só ocorrem duas estações. Esta pesquisa tende a ser necessária em diversos aspectos, tanto como função literária, social e ecológica. Celso Braga, embora seja conhecido e popular em nossa região, sua obra lírica é pouco estudada nos meios acadêmicos. Os procedimentos metodológicos estão baseados na pesquisa qualitativa com levantamentos bibliográficos, análise crítica e interpretação dos poemas. Esta análise proposta está embasada no estudo dos sentidos do texto, para tal nos ancoramos nos pressupostos teóricos de Jonathan Bate(2000)sobre ecocrítica/ecopoética; Cándido (2011/1996),Paz (2003) e Pound (2003), sobre a Teoria Literária. Iniciamos com reflexões teóricas sobre poema e poesia e em seguida a exploração de cada seção da obra, com o intuito de desvelar as formas como o poeta contempla os ciclos da natureza na região onde vive.

**Palavras-chave:** Estações. Celso Braga. Novo olhar. Poesia.

**RESUMEN:** Este estudio tiene como objetivo analizar la representación de la naturaleza y el hombre en la obra *Estaciones*, de Celso Braga, que piensa y ve verde con la visión de alguien que nació y vive rodeado por la selva; como específico pretendemos discutir e interpretar cómo, en tal producción, el yo lírico, al hacer uso de una eficacia expresiva excepcional, deconstruye la tesis de que en la Amazonía occidental, que está en el Ecuador, sólo ocurren dos estaciones. Esta investigación tiende a ser necesaria en varios aspectos, tanto como una función literaria, social y ecológica. Celso Braga, si bien es conocido y popular en nuestra región, su obra lírica es poco estudiada en los medios académicos. Los procedimientos metodológicos se basan en la investigación cualitativa con levantamientos bibliográficos, análisis crítico e interpretación de los poemas. Esta propuesta de análisis se basa en el estudio de los significados del texto, para ello nos anclamos en los presupuestos teóricos de Jonathan Bate (2000) sobre la ecocrítica/ecopoética; Cándido (2011/1996), Paz (2003) y Pound (2003), sobre Teoría de la Literatura. Comenzamos con reflexiones teóricas sobre el poema y la poesía y luego exploramos cada sección de la obra, con el objetivo de revelar las formas en que el poeta contempla los ciclos de la naturaleza en la región donde vive.

**Palabras clave:** Estaciones. Celso Braga. Nuevo mirar. Poesía.

## 1 INTRODUÇÃO

A poesia tem sido um dos gêneros artísticos mais longevos e cultivados para a expressão humana. Desde sua concepção, está intrinsecamente alinhada à música, tivemos, ao longo da história, uma produção poética significativa em quantidade e qualidade, em todas as tendências e vertentes desta forma única de criação. De acordo com Candido “é a forma suprema de atividade criadora da palavra, devida a intuições profundas e dando acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva” (CANDIDO, 2011, p. 19). Para Zumthor (2005,p.40) “é sentido como a manifestação particular, em um dado tempo, e em um dado lugar, de um amplo discurso constituindo globalmente um tropo dos discursos usuais proferidos no meio do grupo social”. Através da intuição, da memória e das experiências, os poetas cultivam uma profunda criação estética com códigos expressivos, usando comparações, metáforas, sinédoques, metonímias etc. Com as quais exibem descobertas da consciência ou realizam a revelação de verdades nas quais estão entrelaçadas imagens, linguagem e símbolos de um povo.

Dentre tais simbologias, destaca-se a natureza, que desde os primórdios do surgimento da poesia é temática explorada com moderação ou intensidade, sobretudo no Arcadismo como cenários idílicos com total integração entre pastores/pastoras com seus rebanhos em pastos verdejantes; enquanto no Romantismo exerce o papel de musa inspiradora que compartilha com o eu lírico suas dores e sofrimentos. Com o advento do Parnasianismo tal presença tornou-se objetiva e impessoal, ficou na iminência de desaparecer na poesia canônica moderna, entretanto, ressurge no Pós-Modernismo com a poética de Manoel de Barros entre outros autores, e devido à urgência com a questão da preservação ambiental que povoa o planeta, hoje ganha força e espaço, do desejo de ver e pensar novamente o verde com todo seu esplendor.

Este estudo tem como objetivo geral analisar a representação da natureza e do homem na obra *Estações*, de Celso Braga, que pensa e enxerga o verde com a visão de quem nasceu e vive rodeado pela floresta; como específicos pretendemos discutir e interpretar como em tal produção o eu lírico ao fazer uso de excepcional eficácia expressiva desconstrói a tese de que na Amazônia Ocidental que fica na linha do Equador só ocorrem duas estações, o mesmo defende a existência de quatro estações nessa região, enquanto

tematiza com alguma insistência a relação da vida humana com os ciclos do ecossistema.

Esta pesquisa tende a ser necessária em diversos aspectos, tanto como função literária, social e política quanto ecológica. Celso Braga, poeta amazonense do Alto Solimões, embora seja conhecido e popular em nossa região, principalmente por sua atuação no grupo “Raízes Caboclas” sua composição lírica é pouco estudada nos meios acadêmicos, com isso venhamos contribuir com a divulgação de sua obra literária para os diversos estudantes e pesquisadores em literatura, além de suscitar reflexões sobre um ramo recente dos estudos literários, a ecocrítica ou eco-poética, que segundo Maria do Socorro Almeida “é o estudo do meio ambiente através da literatura, no intuito de observar o mundo de forma mais humanista e contribuir para a preservação do mesmo” (ALMEIDA, 2014, p.127).

O modo de investigação dessa pesquisa será qualitativo. Os procedimentos metodológicos estão baseados em levantamentos bibliográficos, análise crítica e interpretação dos poemas. Nossa proposta está ancorada no estudo dos sentidos do texto, para tal serão fundamentais para a pesquisa os aportes teóricos de Jonathan Bate (2000), referência na chamada eco poética, Candido (2011), Paz (2003) e Pound (2003), sobre Teoria Literária acerca de poema e poesia.

Iniciamos com reflexões teóricas sobre poema e poesia e em seguida a exploração de cada seção da obra, *Estação do verde; Estação dos sonhos; Estação da alegria e Estação da vida(maniva)*.

## **2 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE POESIA E POEMA**

O termo poesia, em seu sentido original, vem do grego (*poiesis*), que quer dizer “criação”, criar algo através da palavra, seja em verso ou em prosa; em verso ela se materializa na forma de poema. Candido esclarece que “a poesia não se confunde necessariamente com o verso, muito menos com o verso metrificado. Pode haver poesia em prosa e poesia em verso livre” (CANDIDO, 2011, p. 13).

Ela tem sido um dos gêneros artísticos mais longevos e cultivados para a expressão humana. Desde sua concepção, está intrinsecamente amalgamada à música, tivemos, ao longo da história, uma produção poética significativa em quantidade e qualidade, em todas as tendências e vertentes

desta forma única de criação. De acordo com Candido “é a forma suprema de atividade criadora da palavra, devida a intuições profundas e dando acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva” (CANDIDO, 2011, p. 19).

Podemos dizer então que a poesia é o mar, onde o poeta tal como o rio, derrama seus sentimentos através de palavras que expressam suas inquietações e seu estado de ânimo, podendo ser: solidão, tristeza, abandono, amor, dor, morte, alegrias, contemplações, etc. esse influxo de emoções é adornado com elementos expressivos oferecidos pela linguagem.

Para Zumthor (2005, p.40) a poesia “é sentido como a manifestação particular, em um dado tempo, e em um dado lugar, de um amplo discurso constituindo globalmente um tropo dos discursos usuais proferidos no meio do grupo social”. através da intuição, da memória e das experiências, os poetas cultivam sua criação estética, usando tropos ou figuras de linguagens tais como comparações, metáforas, sinédoques, metonímias, aliteraões, assonâncias, prosopopeias, etc., com as quais exibem descobertas da consciência ou realizam a revelação de verdades nas quais estão entrelaçadas imagens, linguagem e símbolos de um povo.

Conforme já citado, a poesia em verso se materializa na forma de poema, o qual é uma composição literária específica que possui uma multiplicidade de formas, e segundo Paz(2003, p. 16) “um soneto não é um poema, mas uma forma literária, exceto quando esse mecanismo retórico – estrofes, metros e rimas – foi tocado pela poesia. Há máquinas de rimar, mas não de poetizar”. Através dessa forma literária o artista pode explorar o máximo o potencial representativo dos signos.

Além da linguagem expressiva é possível encontrar obras cuja musicalidade se encontra sustentando o corpo do poema através do ritmo, nuances, a melodia, a harmonia e a instrumentação. Neste sentido Pound esclarece:

podemos dispor de três meios principais para carregar a linguagem de significado até ao máximo grau possível: Melopeia: produz correlações emocionais por meio do som do ritmo da fala. Fanopeia: projeta o objeto fixo ou em movimento na imaginação visual. Logopeia: produz ambos os efeitos (POUND, 2003, p 63).

Assim o teórico defende os três modos retóricos necessários para impulsionar de energia a linguagem poética: a fanopeia projeta o poder visual da imagem; a logopeia traduz a capacidade de combinação da forma e do conteúdo das palavras com o objetivo de obter a obra sublimada pela beleza estética e a melopeia, ou a arte de musicar a poesia, remete-nos para o mundo criativo dos sons no texto poético, acoplados ao universo musical.

Pound defende tal correspondência entre as duas formas artísticas “a poesia nas fronteiras da música, e a música talvez seja a ponte entre a consciência e o universo sensível não-pensante, ou mesmo não-sensível” (POUND, 2003, p. 39). Ele enfatiza também que o poeta que constrói uma poesia musical tem que conduzir as assonâncias, aliteraões e rimas com a mesma eficiência que um músico que se apropria da harmonia, do contraponto e de todas as minúcias de seu ofício.

Celdo Braga, autor da obra, *corpus* de nossa pesquisa por sua formação poética e musical, amalgama as duas formas artísticas com maestria e leveza o que vem de encontro à reflexão de Bate (2000 apud CORREIA, 2019,p.34) quando diz que as intensificações rítmicas, sintáticas e linguísticas dão uma força peculiar à poética e que a mesma seja a maneira mais direta do retorno da linguagem ao *oikos*, porque a métrica é uma calma e persistente música, um ciclo recorrente, um batimento cardíaco, enfim é uma resposta aos ritmos da própria natureza, um eco da canção específica da terra.

### **3. ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA *ESTAÇÕES*, DE CELDO BRAGA**

A criação poética de Celdo Braga *Estações corpus* de nossa pesquisa, é formado por quatro poemas: “*Estação do verde*”, “*Estação dos sonhos*”, “*Estação da alegria*” e *Estação da vida(maniva)*”, neles o eu lírico questiona e reflete sobre os ciclos da natureza da Amazônia, fauna e flora, habitantes, suas fases e sentidos da existência. Para Jonathan Bate (2000 apud CORREIA, 2019, p.34), “a poesia coloca-nos atentos à linguagem do *oikos*, da habitação na terra, que contém, o significado mais verdadeiro da ecologia, o abrigo pelo qual se constroem desempenhos que garantam a cada ser o seu valor”.

As estações estão intrinsecamente associadas aos ciclos e sentimentos da vida humana: o tempo do desabrochar da existência é representado pela primavera/infância/adolescência/sonhos/inquietação; o verão traz a chegada da fase adulta/juventude/alegria/conquistas, tais períodos são solares; enquanto o

outono reproduz o ápice da maturidade/serenidade/equilíbrio; o inverno simboliza a velhice/melancolia/tristeza/placidez. O significado bíblico das estações mostra que há um estágio para tudo na terra. Tempo de semear e tempo de colher ou tristeza à tarde e alegria na manhã seguinte.

Elas são exemplos de movimentos que se renovam continuamente com modificações e são representadas nas formas artísticas, simbolicamente, para além dos seus aspectos naturais. Chevalier e Gheerbrant afirmam que,

a sucessão das estações, assim como a das fases da lua, marca o ritmo da vida, as etapas de um ciclo de desenvolvimento: nascimento, formação, maturidade, declínio – ciclo que se ajusta tanto aos seres humanos quanto as suas sociedades e civilizações. Ilustra, igualmente, o mito do eterno retorno. Simboliza a alternância cíclica e os perpétuos reinícios (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 401).

Explorar tal temática é uma constante para todos os povos, sobretudo para os japoneses que criaram um poema próprio para refletir sobre a existência humana e da natureza, o *haikai*, gênero poético oriental criado no século XIV, que visa descrever o ecossistema, as estações do ano e da vida de forma sucinta, em um micropoema de três versos com cinco/ sete/cinco sílabas, um terceto com dezessete sílabas poéticas. Celdo Braga para exprimir o universo grandioso de nossa região em sua obra optou por criar poemas longos, sobretudo o primeiro com 120 versos.

Nosso estudo centra-se a partir da análise estrutural, especificamente dos níveis fônico-fonológico, morfossintático e léxico-semântico, para determinar possíveis significados, além de reflexões ancoradas na ecocrítica ou eco-poética.

### **3.1 O autor**

Celdo Braga é amazonense de Benjamin Constant. Nasceu no dia 22 de setembro de 1952. Formado em Letras na PUC do Rio Grande do Sul. Foi líder do grupo Raízes Caboclas, conquistou reconhecimento como músico, compositor e poeta. A partir de 1984, passou a residir em Manaus, dedicando-se ativamente à vida artística.

Atualmente é professor, músico, compositor, poeta, líder e fundador do Grupo *Imbaúba*, projeto que objetiva o desenvolvimento de pesquisa de uma

nova experiência musical, baseada nos sons e ritmos amazônicos. Como parte desse processo, desenvolve suas atividades poéticas e musicais.

Membro da União Brasileira de Escritores e autor das obras poéticas e musicais: *Cordel Verde*, *Entranhas do Mato*, *O Eco das Águas*, *Água e Farinha*, *Canoa*, *Chamando o vento*, *Pássaros e Sonhos*, *Sarau na Floresta* e *Estações*.

Grande defensor da preservação ambiental, é um autor que constrói sua obra com perfil poético e ecológico, a natureza e as questões ambientais estão presentes desde o início de sua produção artística.

### **3.2 Estação do verde**

O poema com que inaugura *Estações*, é “*Estação do verde*” o qual traz já no título a imagem e cor predominantes da floresta Amazônia, o verde.

No que concerne aos estratos gráfico e fônico o poema “*Estações do verde*”, em sua parte formal, é polistrófico, composto por vinte estrofes, cada uma contendo seis versos, ou seja, sextilhas que totalizam 120 versos. A métrica de cada estrofe é regular, heptassílabos ou (redondilha maior) com sete sílabas, versos ágeis, leves e principalmente melódicos por terem acentos na quarta e na sétima sílabas. Existe, portanto, unidade no número de versos e de sílabas poéticas.

Há em cada estrofe, rimas alternadas; misturadas entre toantes(selva/primavera) e consoantes(ribanceiras/samaumeiras); ricas(ipê/vê) e pobres(verão/chão), com a presença de uma rima órfã em todas as estrofes do poema, construídas no esquema rímico ABCBCB. De acordo com Candido(1996, p.40) “A função principal da rima é criar a recorrência do som de modo marcante, estabelecendo uma sonoridade continua e nitidamente perceptível no poema”.

Quanto ao estrato sintático: os versos expressos no poema são construídos na ordem direta, que de forma descritiva apresenta o cenário como uma pintura das cores e nuances que envolvem a Amazônia.

Neste poema em relação aos aspectos gramaticais temos sucessivamente uma área de substantivos, uma de verbos, uma de verbos substantivados e de adjetivos, mas com a predominância de substantivos que nomeiam as plantas e os animais da região.

Em relação ao estrato lexical o poema pode parecer relativamente claro para o leitor que vive na região e conhece os vocábulos que nomeiam a fauna e a flora, sabendo que está diante de um texto poético, apega-se à literalidade e ao ordenamento das palavras que fluem com leveza, tal uma canção.

Esse leitor, logo na primeira estrofe, é convidado a ter um novo olhar sobre a região, através da imagem do ipê, um cicerone na apresentação das diversas plantas angiospermas, ou seja, aquelas que produzem flores e frutos, tal árvore é símbolo nacional, presente em todas as nuances de cores na Amazônia “Quem vai além da aparência,/ao contemplar um ipê/percebe maravilhado[...] que a planta guarda em seu âmago/ o instante de florescer”(BRAGA,2012, p.11).

O eu lírico enfatiza o termo contemplação, ou seja, quer que todos mirem com os olhos da alma ao seu redor, tal pedido reflete os pressupostos da ecopoesia, de acordo com Bate (2000 apud CORREIA,2019,p.84)“ a ecopoesia não é apenas uma descrição do habitar com a Terra, nem um pensamento desvinculado sobre o mesmo, mas sim uma experiência deste habitar, mas também como uma percepção, que se dar pelo olhar”.

Após a apresentação do ipê o eu lírico apresenta sua tese em defesa das quatro estações, conforme os versos a seguir,

Cada lenho desta selva  
sabe de inverno e verão;  
chegam as asas do outono,  
muda a paisagem do chão  
e revela a primavera  
no tempo da floração.  
No regime das enchentes  
florescem samaumeiras,  
murerus, vitórias-régias,  
nos lagos e nas ribanceiras;  
vão colorindo paisagens  
dessas águas passageiras.

(BRAGA,2012,p.12-13)

O eu-lírico, de forma simples e profunda, mostra as mudanças e especificidades das diversas estações, desconstruindo a tese de que na Amazônia que fica na linha do Equador só existem inverno e verão, apresenta as interações, as modificações que ocorrem com a chegada da primavera e do outono quase que de forma concomitante, tais ciclos não têm a mesma duração de quatro meses como em outras regiões do planeta, mas estão presentes nessa imensa floresta, conforme os seguintes versos,

As folhas do cumaru  
começam a cair.  
É setembro, o nosso outono  
desfolha o caramuri,  
capiúba, cuquirana,  
resiste o mari-mari.

Mesmo assim é primavera  
neste momento outonal:  
há flores que nem conheço  
em nossa estação plural  
- na terra firme, na várzea,  
Nas campinas, no aningal.

(BRAGA,2012, p.24-25)

Nos versos acima, o eu-lírico demonstra consciência de que na natureza tudo se integra harmoniosamente mesmo de forma plural, de que tudo é parte de um todo, arvorado na teoria da complexidade, onde a primavera ocorre junto ao outono, o início e o fim da floração das múltiplas árvores caminham de mãos dadas, aqui é possível encontrar flores de diferentes espécies durante todo o ano.

Além da flora, a fauna desenvolve instintivamente ações de acordo com as necessidades que variam também conforme a mudança das estações, como exemplos: o capitari, tambaqui e outros animais que saem em busca de alimentação, a metamorfose da borboleta que se completa na primavera, a migração e reprodução dos pássaros que buscam por condições ambientais e climáticas favoráveis.

Além da sinergia das estações, descreve com detalhes elementos da região amazônica, ligados a um sentimento de gratidão, orgulho e amor pelo lugar onde mora “Assim eu bato no peito/com orgulho e gratidão/Nossa terra tem de tudo de estação a estação/tem primavera no outono/inverno em pleno verão”(BRAGA, 2012, p.30).

Remete ao leitor conhecimento sobre as simbologias da cultura do povo local, os hábitos dos animais e os ciclos das plantas, enquanto enfatiza o grande valor que têm ao permanecer na natureza, ao invés de serem destruídos, o que vem de encontro à reflexão de Bate (2000) acerca do elo da arte com a natureza,

natureza não é apenas uma imagem de beleza, é também um objeto que é trabalhado e mercantilizado, mas a beleza da natureza oferece-nos uma promessa de liberdade, paz e pertença. Ao se retirar para o seu próprio reino e, assim, obliterar as cicatrizes da mercantilização, a arte tem a capacidade de resgatar essa promessa. Quando nos contratamos para responder com simpatia a uma obra de arte, seguimos a mesma lógica de quando nos deixamos ir e inalar o ar fresco do parque ou do país. Mesmo que seja um grito contra a mercantilização e instrumentalização que caracterizam a modernidade, a teorização da arte e da natureza é um ato forte e necessário (BATE, 2000, APUD CORREIA, 2019, p.29).

Esses ciclos acontecem e se renovam ao longo da linha do tempo, uma ordem macro e universal que está subjacente a todos. Enquanto o momento dos eventos da vida, o conteúdo comum da existência (família, carreira, estilo de vida) e até mesmo a formação de um senso de maturidade diferem muito entre os seres humanos, a sequência das estações – o caráter geral da estrutura da vivência – continua sendo igual para todos.

O poema em questão, além de argumentar sobre a existência das quatro estações, gera uma oportunidade de despertar a consciência ecossistêmica no leitor. Consciente de que a Amazônia serve como *habitat* para diversas espécies da fauna e da flora, o poeta amazonense aproveita seus versos para dar uma visão panorâmica sobre o meio e os homens que ali vivem, e que colaboram com a preservação da floresta.

### 3.3 *Estações dos sonhos*

No segundo poema da obra, “*Estações dos sonhos*” notamos que o eu lírico celebra o florir das plantas e desabrochar dos anseios na vida do ser humano, equivale tanto ao ciclo da primavera quanto do verão, o período da chegada do amor, de idealizações. Esse viver em integração com a natureza propicia alegria, esperança e não importa em qual estação, pois, tudo flui harmoniosamente e espelha toda a sequela em nossas próprias vidas.

Em relação aos aspectos estruturais observamos que é um poema que possui três estrofes, cada uma delas apresenta quatro versos que se configuram como quarteto ou quadra, no total somam-se doze versos que exibem as seguintes medidas: hendecassílabo, dodecassílabo ou alexandrino, e versos bárbaros, uma vez que apresentam mais de doze sílabas poéticas.

Quanto à disposição das rimas na primeira estrofe são alternadas ABAB, consoantes, já na segunda e terceira estrofes são misturadas, em sua maioria, pobres(verão/coração; viver/colher; esplendor/amor), apresenta assim uma unidade rítmica variável.

Quando a vida nasce na estação da espera,  
seja frio de inverno, calor de verão,  
a paisagem se transforma em primavera,  
renova os tons do jardim do coração.

Em cada flor, o sorriso da semente  
é um presente da alegria de viver.  
É a esperança do sabor que vem do fruto,  
é o milagre de plantar e de colher.

É uma canção numa noite enluzada,  
manhã raiada revelando o esplendor  
de quem nasceu na estação de um lindo sonho,  
na serenata enamorada do amor.

(BRAGA, 2012, p.35)

Logo na primeira estrofe o eu lírico reflete que assim como as estações do ano, os períodos de desenvolvimento adulto não são bons nem ruins; em vez disso, como cada estação é moldada por fatores biológicos, psicológicos e sociais particulares, em cada ser “quando a vida nasce” tudo a seu redor simplesmente faz com que “a paisagem se transforma em primavera”(BRAGA, 2012, p.35). Todas as transições da vida são importantes para o ser humano, sobretudo a chegada do amor, podemos nos encontrar nos lances da paixão, passando por tremendos surtos de crescimento e apreciando o desabrochar das rosas uns dos outros, tal sentimento “renova os tons do jardim do coração”(BRAGA, 2012, p.35).

A partir da segunda estrofe o eu lírico desvela o encantamento, benefícios e realizações provocados pelo sentimento amoroso na vida dos seres, como uma eterna primavera com o plantio das sementes para a transição da colheita futura.

As transições servem como pontes que conectam eras/períodos no ciclo existencial. Elas terminam a estrutura de vida passada e iniciam uma ordenação de vivência futura. São, portanto, zonas de sobreposição, estados liminares; assim como o inverno não termina abruptamente e de repente se torna primavera, as transições representam um momento em que uma estação da vida de um ser humano está tendendo para a próxima, mas a fase mais linda é quando penetra “na serenata enamorada do amor”(BRAGA, 2012, p.35). É quando o ser humano vive plenamente com suas alegrias e sofrimentos advindos de tal sentimento, contudo, necessita ser intensamente celebrado.

### **3.4 Estações da Alegria**

O poema “Estação da Alegria” nos encanta não somente por unir poesia e música, mas também porque o eu lírico exprime mensagem de esperança de uma forma que nos toca, nos primeiros versos um recente amanhecer se anuncia, no raiar do sol o brilho de um novo dia, ver os passarinhos anunciando a chegada da primavera na linda canção de seus assobios.

Avistar o poder da criação sendo realizada em cada beleza da floresta, a mata a se colorir de novas cores com a chegada da primavera, trazendo consigo a mais bela e melodiosa estação.

Em seu aspecto estrutural o poema possui três estrofes formadas por quatro versos que podemos chamar de quarteto ou quadra, eles se dividem em doze sílabas poéticas, que se classificam como dodecassílabos ou alexandrinos.

Apresenta uma unidade rítmica variável, para talvez reproduzir os diversos ritmos da floresta o que vem ao encontro das reflexões de Candido(1996, p. 45) “o homem que faz poesia conhece o ritmo na natureza e pode tê-lo observado e imitado”. Quanto à disposição das rimas são misturadas ABCB, consoantes, em sua maioria, pobres(olhar/cantar; emoção/criação; melodia/alegria) emite uma emissão sonora variada, com o ritmo que obedece ao compasso da música expressa pela natureza “e nos acordes do trinar dos passarinhos”, para tal recorre discretamente à assonância, isto é, à frequência num ou mais versos das mesmas vogais, formando uma determinada constante harmoniosa, no primeiro, segundo e terceiro versos há o domínio do fonema /o/no quarto verso há o destaque para o fonema /a/.

Quanto aos elementos gramaticais básicos há a predominância de verbos e verbos substantivados com ênfase ao verbo “cantar”, conforme o poema a seguir,

Amanheceu- um novo sol, um novo dia,  
um novo brilho na extensão de um novo olhar;  
e nos acordes do trinar dos passarinhos,  
a vida acorda com vontade de cantar.

Cantar o sonho de uma nova primavera  
que refloresce na paisagem da emoção.  
Cantar o amor e do amor abençoado  
a obra-prima do poder da criação.

Cantar a vida iluminada de esperança  
ao tom suave de uma doce melodia;  
em cada nota colorida na paisagem

o leve harpejo da estação da alegria.

(BRAGA, 2012, p.41)

Ao começar a jornada de cada estação, a primavera é, sem dúvida, a mais celebrada. Flores, pássaros, afetos recém-lançados e, sobretudo, otimismo vital manifestado em seres que brincam e riem, na chegada e descoberta do amor e da paixão “ao tom suave de uma doce melodia” (BRAGA, 2012, p.41). Durante essa fase de transição, uma antiga estrutura de vida é encerrada e uma nova é criada.

Em tal poema, temos a junção do poeta e cantor, onde faz uso do que Pound(2003)define como a melopeia, ou a arte de musicar a poesia, remete-nos para o mundo criativo dos sons no texto poético, acoplados ao universo musical, tudo para celebrar a abundância de filhotes de animais, novas flores e cores que quebram a uniformidade do verde, predominante na floresta.

### **3.5 Estações da vida (*maniva*)**

Em *Estações da vida (maniva)* logo na primeira estrofe o eu lírico enaltece a vivência do caboclo como ser integrado à natureza que em suas mãos calejadas trazem as marcas da lida na roça, o seu trabalho árduo na mata, ao limpar o chão para ver brotar o seu sustento, através da produção da farinha de mandioca.

No poema analisado a estrutura é formada por quatro estrofes que compõe, em cada, quatro versos, no total de 16 que são irregulares, variam entre decassílabos e dodecassílabos ou alexandrinos. Apresenta uma unidade rítmica variável.

Quanto à disposição das rimas são misturadas (ABCB), soantes e pobres (chão/carvão; mão/pão; oração/perdão; pirão/estação). Em todo o poema há uma rima constante /ão/que traz nove vezes o mesmo som básico nas quatro estrofes o que imprime uma linda musicalidade e segundo Candido(1996,p.45) “quando o homem imprime ritmo a sua palavra, para obter efeito estético, está criando um elemento que liga esta palavra ao mundo natural e social “ou seja, nesse poema há a tentativa de reproduzir as ações que o ribeirinho realiza em sua permanente labuta para produzir seu sustento e de forma a degradar minimamente a natureza, o que exprime o pensamento de Correia(2019,p.39) de que os poetas tomam a natureza como texto, e, através

da poesia, a escrevem, a reivindicam, a protegem, dão-lhe voz, e, em alguns casos, mesmo que modestamente, contribuem com a tomada de consciência no que se refere à sua degradação.

As mãos calejadas do homem da roça  
nem sempre percebe a trama do chão.  
Derruba, encoivara e queima a floresta  
para ver o sustento brotar do carvão.  
E o pé de maniva, em palmas abertas,  
as folhas estende, em forma de mão,  
num gesto singelo de quem oferece  
do ventre da terra o dom se ser pão.  
As folhas acenam ao sopro do vento,  
suaves farfalhos de doce oração,  
dizendo obrigada à lida do homem  
e a Deus, pelo homem, pedindo perdão.  
No caldo do peixe, já feito farinha,  
quentinha, encharcada, agora é pirão;  
no rito sagrado da mesa servida  
a vida celebra mais uma estação.

(BRAGA, 2012, p.44-45)

Podemos afirmar que, através desse poema, o eu lírico se exprime em uma espécie de mensageiro ambiental, tornando-se um defensor da natureza e do homem amazônica, o que se expressa é a vivência dos ribeirinhos, ou seja, o dia a dia do mundo natural em seu contínuo fluxo para produzir o alimento mais consumido em nossa região, que é a farinha de mandioca que se transforma em pirão na mesa do caboclo “no rito sagrado da mesa servida/ a vida celebra mais uma estação”(BRAGA, 2012, p.45).

Apesar de que em seu trabalho durante a “encoivara” ele aparenta degradar o meio, na verdade, é o grande guardião da floresta, pois, utiliza em seu roçado somente uma pequena área durante muitos anos, com isso preserva seu lugar, no poema em questão as folhas da maniva surgem

personificadas a agradecer o cuidado do homem e pedir a Deus perdão pelo pequeno delito que o agricultor comete para obter seu sustento.

O poema vai ao encontro do pensamento de Bate (2000) acerca da associação arte/natureza, (apud CORREIA, 2019, p.53.) “as obras de arte podem ser estados imaginários da natureza, ecossistemas ideais imaginários e, ao lê-las, ao habitar, podemos começar a imaginar como seria viver de maneira diferente sobre a terra”.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra “*Estações*”, em seu conjunto é mais que apenas uma descrição poética do clima sazonal, representa uma alegoria constante das fases da vida, nos lembram que a natureza existe em ciclos, as estações agradáveis terminarão, assim como as duras.

Elas, com seu retorno cíclico - como o sol e a lua, o dia e a noite, o fruto e semente - marcaram a vida do homem desde o início, que aprendeu a medir o tempo observando sua repetição periódica e que passagem do tempo liga-se, também às fases do ser humano com as seguintes associações: primavera-infância (flores), verão-juventude (frutas), outono-maturidade (folhas maduras) e inverno-velho idade (enchente). Com isso nunca devemos perder a alegria e esperança na vida que é certamente uma jornada emocionante, um tanto imprevisível, mas tem suas regularidades e para enxergarmos determinadas especificidades temos que contemplar com a alma, o caso das quatro estações na Amazônia.

Os símbolos das estações nos fundamentam quando a vida se torna esmagadora. Eles nos lembram que nada está isento da natureza cíclica do universo. Tudo passará e será renovado mais uma vez, assim como a natureza e o homem da Amazônia que exigem um novo olhar por parte de todos para continuarem a existir. Esse é o apelo que o poeta Celso Braga realiza em sua obra artística.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria do Socorro. **Interfaces da natureza em Grande Sertão Veredas – Um olhar ecocrítico**. Tese de doutorado. UFPB. João Pessoa/PB, 2014.
- BATE, Jonathan. **A Música da Terra**. Cambridge, Massachussets: Havard University Press, 2000.
- BRAGA, Celdo. **Estações**. Manaus: Reggo Edições, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O Estudo Analítico do Poema**. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Tradução: Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- CORREIA, Fernanda Bezerra de Aragão. **Literatura e meio ambiente : uma abordagem ecopoética em Manoel de Barros**. Tese (doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva. 2003.
- ZUMTHOR, Paul. A poesia e o corpo. In: **Escritura e Nomadismo**. São Paulo: Atêlie Editorial, 2005.